

A CENTRALIDADE DAS PIXAÇÕES EM ALFENAS, MINAS GERAIS

The centrality of pixações (Brazilian-style graffiti) in Alfenas, Minas Gerais

Brenda Letícia de Paula Muniz

Discente do Programa de Pós-Graduação em Geografia

Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), Brasil

brenda.muniz@sou.unifal-mg.edu.br

Evânio dos Santos Branquinho

Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia

Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), Brasil

evanio.branquinho@unifal-mg.edu.br

Laura Andrade Viana

Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais, Brasil

laura.andrade.viana@educacao.mg.gov.br

Recebido: 20/12/2025

Aceito: 05/01/2026

Resumo

Este artigo investiga o lugar que a pixação ocupa na cidade de Alfenas/MG, com foco nas zonas central e pericentral, tomando como referência a classificação morfológico-funcional de Amorim Filho e Sena Filho (2007). Buscando apresentar outros elementos que abordam a pixação em seus atributos sociopolíticos de apropriação do espaço urbano, interpreta-se essa forma de expressão como reivindicação da cidade. A partir de uma abordagem qualitativa, apoiada no método do materialismo histórico-dialético, foram realizadas uma revisão bibliográfica, um trabalho de campo com registro fotográfico e o mapeamento das inscrições, entrevistas semiestruturadas com praticantes de pixação e de graffiti, além da elaboração de produtos cartográficos. Os resultados mostram que as pixações se concentram justamente nas áreas de maior fluxo e visibilidade, onde se localizam os principais equipamentos comerciais, financeiros e administrativos. Essa distribuição espacial não é casual: ela aponta para a disputa pelo reconhecimento e pela reconfiguração simbólica de espaços apropriados, de forma hegemônica, pelo capital. Argumenta-se que a pixação possui uma resistência urbana, que tensiona a lógica mercantil e disciplinadora do espaço, reinterpreta a paisagem e recoloca o valor de uso em confronto com o valor de troca, ainda que em um contexto de cidade média em que a prática se encontra em processo de consolidação.

Palavras-chave: Pixação; Centralidade; Produção do espaço.

Abstract

This article investigates the place that pixação occupies in the city of Alfenas, Minas Gerais, focusing on the central and pericentral zones, using the morphofunctional classification proposed by Amorim Filho and Sena Filho (2007) as a reference. Seeking to introduce additional elements that address pixação through its sociopolitical attributes of urban space appropriation, this form of expression is interpreted as a way of claiming the city. Based on

a qualitative approach supported by the historical-dialectical materialism method, the study involved a literature review; fieldwork with photographic records and mapping of the inscriptions; semi-structured interviews with practitioners of pixação and graffiti; and the production of cartographic outputs. The results show that pixações are concentrated precisely in areas of greater flow and visibility, where the main commercial, financial, and administrative facilities are located. This spatial distribution is not random; rather, it points to a struggle for recognition and for the symbolic reconfiguration of spaces hegemonically appropriated by capital. It is argued that pixação embodies a form of urban resistance that challenges the mercantile and disciplinary logic of space, reinterprets the landscape, and repositions use-value in confrontation with exchange-value, even within the context of a medium-sized city where the practice is still consolidating.

Keywords: Pixação (*Brazilian-style graffiti*); Centrality; Production of space.

1. INTRODUÇÃO

A presença de pixações e grafittis na paisagem da cidade revela a necessidade de que os sujeitos interajam no espaço, produzindo-o conforme seus interesses, motivados pela expressão da identidade e pela propagação da memória urbana coletiva. Nascimento (2015) aponta o surgimento das pixações e grafittis nos centros urbanos, oriundos do processo de formação desigual do território, que, em sua essência, são manifestações de classe de cunho social e político.

Pires (2019) discute a pixação e a expõe sob o viés de que os sujeitos reivindicam o direito à manifestação, tendo como principal suporte a cidade e as estruturas que a compõem. Nesse sentido, a pixação apoia-se em superfícies diversificadas, como muros em locais baixos e em locais altos (como os prédios), portas de metal de comércios, sendo mais atrativos os espaços com maior circulação de pessoas e veículos, utilizando-se da visibilidade dessas estruturas para a efetivação da escrita e da divulgação do pixador.

A pesquisa delimita-se com foco na dinâmica das pixações realizadas nas zonas central e pericentral de Alfenas/MG, adotando a classificação de Amorim Filho e Sena Filho (2007) como principal recorte intraurbano para análise do tema em exame. Entretanto, a pesquisa não se restringe aos aspectos morfológico-funcionais para classificar o conteúdo das escritas; a análise pretende avançar para os elementos qualitativos que participam da dinâmica socioespacial das cidades médias, buscando apreender as singularidades das pixações nessas cidades.

De acordo com resultados oriundos da monografia de trabalho de conclusão curso, foi possível verificar que a convergência dos fluxos presentes na zona central motivados pelo centro comercial, do setor bancário, administrativo, das principais vias de circulação e a presença de praças e monumentos referenciais, como também a facilidade de um ponto

central de encontro para os pixadores e os simpatizantes do movimento, é um dos fatores que contribuem para a efetivação das pixações nessas áreas, em vista de que expressam uma centralidade, bem como determinam uma atratividade para os pixadores.

A partir da realização de entrevistas semi-estruturadas e do trabalho de campo, identificou-se que os lugares de maior circulação de pessoas correspondem a uma das prerrogativas para os pixadores tornarem-se conhecidos e, portanto, alcançarem “ibope” entre a comunidade de pixadores e visibilidade local entre as pessoas que ali circulam diariamente.

Além disso, a dinâmica da pixação na cidade, sobretudo na zona pericentral, vem indicando sinais de verticalização da prática, que exige novas habilidades e ferramentas para sua efetivação. Essa nova modalidade, na qual o pixador exhibe a escrita, também denota outras formas de percepção do espaço ao propor que a observação alcance os topos dos prédios. Nesse sentido, verifica-se que a pixação também acompanha o processo de verticalização da cidade, embora essa nova configuração não seja a realidade expressiva em Alfenas. Entretanto, a escrita também tem o propósito de alcançar lugares não explorados, com a finalidade de divulgar o pixador e a mensagem, transformando as formas pelas quais a pixação se apresenta em cidades de porte médio.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é apoiada na investigação qualitativa das pixações presentes nas zonas central e pericentral de Alfenas. Inicialmente, levantou-se a hipótese de a presença dessas grafias estar relacionada com o fluxo de pessoas mais intenso em certas zonas da cidade. Após a aplicação da metodologia, foi possível confirmar, por meio das entrevistas e da produção cartográfica, a hipótese levantada.

O primeiro procedimento metodológico baseou-se na revisão bibliográfica sobre o tratamento da pixação e do graffiti em produções acadêmicas. Foram selecionados artigos, teses, dissertações e livros, físicos e digitais, que discutem, por meio de uma abordagem crítica e de um viés político, a presença dessas grafias na composição da paisagem urbana. A busca foi realizada nos portais de periódicos da CAPES, Observatório das Metrópoles, Google Acadêmico e biblioteca física. Os referenciais teóricos que abordam o conceito de cidade média também integram a revisão da literatura inicial.

O trabalho de campo na zona central e pericentral de Alfenas foi realizado num segundo momento, sendo possível, com base no zoneamento dos aspectos morfológico-funcionais de Amorim Filho e Sena Filho (2007), delimitar a extensão de cada zona

estabelecida. A coleta foi realizada ao longo de dois anos, de outubro de 2022 a novembro de 2024. Durante o campo, as pixações foram fotografadas e, posteriormente, inseridas na plataforma Google My Maps, considerando a localização e a natureza da expressão. Posteriormente, o conteúdo foi extraído e inserido no Qgis, sintetizando os dados primários com auxílio da cartografia e da técnica de representação de Kernel. Os dados referentes ao referido período mostram quarenta e nove pixações efetivadas nas zonas central e pericentral.

Após esse procedimento, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com quatro praticantes de pixação e graffiti, com a intenção de coletar informações sobre suas percepções sobre a dinâmica das grafias na cidade. Nesse sentido, também foram levantadas questões acerca da centralidade das expressões, sendo confirmado por três participantes a maior presença de pixações na zona central. Cabe ressaltar que as entrevistas foram previamente analisadas e autorizadas pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UNIFAL-MG.

Por fim, buscando realizar uma análise e síntese do tema proposto, a pesquisa é orientada pelo método do materialismo histórico-dialético, que se considera o mais adequado para o levantamento das contradições e dos movimentos provocados pela prática da pixação no cenário atual. Dessa forma, a pesquisa intenta traçar os motivos que participam da espacialidade da pixação considerando o recorte de cidade média para o seu tratamento, bem como ressaltar as particularidades evidenciadas nas zonas central e pericentral da malha urbana de Alfenas.

3. A ABRANGÊNCIA EM REDE DO GRAFFITI E DA PIXAÇÃO NO SUL DE MINAS

O município de Alfenas se localiza na mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais, situando-se na Região Geográfica Intermediária (RGInt) de Varginha e na Região Geográfica Imediata (RGI) de Alfenas, da qual é o polo principal. A composição da rede urbana no sul de Minas evidencia as interações espaciais entre cidades de diferentes portes, sobretudo a partir do processo de desconcentração industrial e dos serviços das metrópoles, atribuindo-se ao papel da cidade média na interação em redes de múltiplos circuitos (Branquinho; Machado; Mini, 2023). A figura X a seguir localiza o município na rede urbana

fundamentação do hip-hop como cultura de manifestação política resume à seguinte concepção:

Esse movimento social seria conduzido por uma ideologia (ou, pelo menos, por certos parâmetros ideológicos) de autovalorização da juventude de ascendência negra, por meio da recusa consciente de certos estigmas (violência, marginalidade) associados a essa juventude, imersa em situação de exclusão econômica, educacional e racial. Sua principal arma seria a disseminação da “palavra”: por meio de atividades culturais e artísticas, os jovens seriam levados a refletir sobre sua realidade e a tentar transformá-la (Rocha; Domenich; Casseano, 2001, p. 18).

Em sua constituição, o movimento disseminou-se globalmente com base nas premissas defendidas por figuras históricas como Malcom X e Martin Luther King, sobretudo no que tange ao enfrentamento do racismo e da segregação social, como política de Estado vigente durante séculos nos Estados Unidos e no mundo (Pimentel, 1997). Em resistência, esses grupos utilizavam-se de danças, rimas e músicas oriundas desse contexto, tornando-se o principal motivo para a reunião de jovens em bairros periféricos, reafirmando suas origens e fortalecendo sua cultura.

Pimentel (1997) afirma ainda que a combinação dos elementos que constituem o movimento — rap, DJ, MC e graffiti — foi um fator essencial para o desenvolvimento coletivo da consciência política, que passou a exercer espacialidades específicas em celebração à cultura. Como definição, o autor assinala que em 1960 as inscrições nos muros apareceram com o objetivo de marcar as áreas onde esses jovens conviviam, passando a serem utilizadas como expressão da identidade e demarcação de território, conforme aponta:

[...] havia também a arte de desenhar e escrever em muros, paredes e em qualquer espaço vazio da cidade. O grafite surgiu inicialmente como *tag* (assinatura). [...] O *tag*, então, passou a ser usado pelas gangues de jovens como código de demarcação de território no gueto (Pimentel, 1997, p. 8-9).

No Brasil, inicialmente, as escritas também foram utilizadas por seu conteúdo contestatório no período em que a ditadura militar se instaurou, o que levou a reação de estudantes e da classe trabalhadora a ser expressa por palavras de ordem como “abaixo a ditadura”, frase disseminada a partir de 1969 (Soares, 2012). A partir da incorporação de novos elementos e técnicas na efetivação das escritas, Pimentel (1997, p.10) sinaliza, na década de 1970, o graffiti ganhou destaque por “[...] um jovem grafiteiro, o DJ Kid, que introduziu o desenho ao tag. Ele percebeu que, para a continuação daquele estilo de arte, seria necessário incluir o desenho à simples pichação”.

Entretanto, essa referência demora a ganhar espaço no Brasil em razão da repressão militar, o que diferencia os períodos de desenvolvimento do graffiti e da pixação no recorte nacional e internacional. Dessa forma, no Brasil, a popularização das escritas deu-se pela efetivação das pichações e, posteriormente, pela pixação, como movimento que retoma a ação em grupos, mais característica do período em que o hip-hop se inicia nos Estados Unidos.

Embora não haja registros específicos sobre quando as escritas começaram a ser mobilizadas em grupos, foi possível identificar as primeiras vezes em que as inscrições foram utilizadas como demarcação de grupo, ainda na ditadura. A Ação Libertadora Nacional (ALN), grupo guerrilheiro de Carlos Marighella, utilizava-se das escritas como ferramenta da propaganda armada, conforme aponta numa de suas obras a importância de demarcar os espaços:

Gravações em fita, a ocupação de estações de rádio, o uso de alto falantes, desenhos em paredes e em outros lugares inacessíveis são outras formas de propaganda. Ao usá-las, a guerrilha urbana deve conferir-lhes um caráter de operações armadas (Marighella, 1969, p. 47).

A figura 2 a seguir demonstra como a ocorrência das escritas se dava em conjunto com outras ações do grupo, por exemplo, após um assalto.

Embora os sujeitos que efetivavam essas escritas a utilizassem como ferramenta de demarcação do grupo, o registro evidencia como a pichação se tornou relevante por meio da ação conjunta de sujeitos contrários às ordens militares. A propagação da sigla ALN, bem como os demais mecanismos de divulgação do grupo, foram empregados como ações necessárias ao fortalecimento da guerrilha armada desse grupo revolucionário em busca de liberdade e justiça frente à violência estatal (Marighella, 1969).

A partir da década de 1980 e 1990, com a popularização do hip-hop no Brasil, sobretudo nas periferias de São Paulo e Rio de Janeiro, a articulação do movimento em torno do pixo ganha destaque, dando início às disputas entre os grupos de pixadores em busca de visibilidade, prestígio e auto divulgação.

Até o momento, foi possível verificar que houve a criação de poucos grupos em torno da pixação em Alfenas, entretanto, esse movimento não ocorre desarticulado de um objetivo em comum aos pixadores da cidade, conforme apontado pela entrevistada 1:

Você não consegue fazer nada sozinho, de transformação mesmo. Se você tiver essa ideia de ego, mano, você consegue. Mas realmente, se você for fazer esse

lado mais político, até de passar a cultura pra frente, tá ligado? Por que, se você não passar ela pra frente, ela vai morrer? Assim como vieram outras pessoas antes de mim, até porque tamo em 2024, desde quando existe o pixo? Então sempre tem outras pessoas atrás, então é saber isso, um rolê de passar pra frente. Então a comunidade tem que defender isso, por mais que a gente nem sempre se reúna, por que somos poucos, mas conseguir fazer entre a gente esse rolê de passar pra frente, realmente sustentar a cultura (Entrevistada 1, 12/09/2024).



Figura 2: Escritas da Ação Libertadora Nacional.

Fonte: Diário de Notícia, 1972.

A presença de grupos que atuam em Alfenas não é tão expressiva quanto em metrópoles, onde há pluralidade de grupos e sujeitos, geralmente moradores dessas cidades, com atuação concentrada na própria metrópole. Entretanto, no recorte que se apresenta, verifica-se uma atuação em rede de sujeitos moradores de outras cidades, como Carmo do Rio Claro, Varginha, Guaranésia, Itajubá, Poços de Caldas e Pouso Alegre, grafando em diferentes cidades o nome do grupo (griffe ou crew, onde sendo o primeiro denominado ao grupo onde em sua totalidade de participantes estejam ativos na pixação e

o segundo, onde sua atuação pode haver outras pessoas que fazem graffiti e pixação, não impedindo que não possam exercer ambas formas de expressão) os quais pertencem.

A singularidade da pixação nesse recorte regional, em que a presença de cidades pequenas e médias apresenta dinâmicas e interatividades específicas da rede urbana, é motivada, sobretudo, pela realização de eventos de hip-hop que fortalecem o contato com artistas de diferentes cidades e mobilizam, ao mesmo tempo, mais pixadores e grafiteiros para uma ação conjunta. Em vista da proximidade dessas cidades, a reunião dos jovens torna-se possível por meio da socialização motivada por outros elementos da cultura, como o rap, o break, as batalhas de rima e, com destaque, pela participação do graffiti e da pixação no âmbito das artes visuais.

A organização desses eventos ocorre geralmente pelos próprios pixadores e grafiteiros, MC's e DJ's, sem contar com financiamento dos poderes público e privado, conforme ressaltado pelo entrevistado 2:

Mano, pelo menos nunca me chamaram, né? Ah, já me chamaram para fazer, mas nunca foi ninguém do poder público lá. Tá ligado? Poder público não mano. Foi só os parceiros mesmo, tipo, falam: "Ô vai ter esse evento aqui, mano, cola". Aí eles iam pedir autorização à prefeitura, né, normalmente. Mas tipo, nem salva o dinheiro da tinta. Tá ligado? Eles só dão autorização, a gente tem que se foder lá comprando dois galões de tinta e tentar tudo, tá ligado? O bagulho é corre, mano, fazer esses eventos igual aquele do Pinheirinho que eu fiz parte da organização mais ou menos, mas aí a prefeitura não ajuda em porra nenhuma, tá ligado? Questão assim de graffiti, ajuda em nada não. Só se você for um grafiteiro renomado (Entrevistado 2, 18/09/2024).

O bairro Pinheirinho, citado pelo entrevistado, situa-se na zona oeste da cidade de Alfenas e, historicamente, é ocupado por pessoas de menor poder aquisitivo, que necessitam de políticas públicas direcionadas ao acesso dos moradores aos setores de saúde, educação e lazer. Embora o evento seja aberto à participação da comunidade, os organizadores necessitam negociar com o poder público para efetivar os graffiti, não havendo apoio de qualquer natureza além da permissão para a superfície.

Em vista das dificuldades na realização desses eventos, os artistas geralmente se organizam numa cidade e convidam artistas de cidades vizinhas para colaborar e contribuir para a cena do movimento. A figura 3 abaixo resalta o hip-hop como cultura que agrega e dá sentido aos sujeitos, bem como o nome da cidade Campo Belo situada a 130 quilômetros de Alfenas, evidenciando a abrangência em rede do movimento:



Figura 3: Graffiti hip-hop no bairro Pinheirinho, em Alfenas.

Fonte: Autores, 2024.

4. A CONCENTRAÇÃO DE PIXAÇÕES NA ZONA CENTRAL

Ao evidenciar a pixação como ação política que se utiliza da subversão das estruturas presentes na cidade para se revelar, Nascimento (2015, p.11) aponta que essa expressão “é mais do que uma manifestação humana, e sim, no âmbito sociológico, uma manifestação de classe, pois esta arte tem, acima do contexto artístico, um cunho social-político”. O autor afirma ainda que o surgimento das pixações nos centros urbanos acompanha o processo de urbanização brasileira, que se deu por um crescimento desordenado e marcado pela desigualdade social.

As raízes desse movimento, oriundo da classe popular, insere-se num contexto de conturbação social e política, quando a ditadura militar foi instaurada no país, sendo utilizado como ferramenta de resistência e de denúncia da repressão estatal vigente (Soares, 2012). Entretanto, as transformações ocorridas nos conteúdos das escritas, bem como seu valor estético como elemento de resistência do movimento do pixo, acompanharam as influências da comunidade externa a partir do surgimento da cultura hip-hop como movimento de jovens que, em busca de novas formas de socialização e expressão, incluiu a pixação e o graffiti como expressões artísticas utilizadas nos espaços públicos (Soares, 2012).

Dessa forma, no final da década de 1980 e início de 1990, as escritas passaram a assumir novas atribuições em seus conteúdos e formas, revelando novos meios pelos quais os sujeitos se relacionam e se expressam a partir da atuação em grupo:

Porém, o que diferencia a pixação das escritas anteriores é o fato de ela não ser apenas um recurso utilizado por um grupo ou outro em contendas políticas. O fundamental, o elemento central, é a existência de um grupo que, longe de ser homogêneo, organiza-se em torno dela e faz da sua execução e de sua estética, em si, um posicionamento político (Pires, 2019, p. 167).

As estruturas urbanas de metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro atualmente exibem paisagens quase generalizadas pela pixação e pelo graffiti. Isso se deu em razão do movimento do pixo ter ganhado destaque nessas cidades, ainda na década de 1990, e se popularizado como movimento de intervenção, sobretudo nos espaços públicos. A popularização do pixo, sob novas formas de socialização, a partir da atuação de grupos (crews e griffes), gerou uma competição entre esses pixadores, com o intuito de se tornarem conhecidos e/ou obter prestígio em relação aos demais.

Conforme evidencia Lassala (2017), o grau de reconhecimento de um pixador se dá pelos seguintes critérios:

Eles conseguem fama aparecendo de alguma forma na mídia ou pixando nos lugares mais movimentados, monumentos históricos, residência de pessoas envolvidas por escândalos enfaticamente cobertos pela mídia, em avenidas e ruas de grande circulação, como as do centro da cidade, ou nos lugares (picos) mais altos de São Paulo, como o topo de prédios ou em lugares de difícil acesso (Lassala, 2017, p. 124).

Em busca de ibope e de incômodo social, os pixadores se expõem a diversos riscos, como a prática de escalada em prédios, o pixar agências bancárias e denunciar políticos. Essas pixações normalmente ocorrem em lugares de grande circulação de pessoas, o que permite a visualização do público transeunte, bem como a identificação do pixador a partir da inscrição da sua tag, que se divulga para além da sua identidade, mas também se utiliza da pixação como ferramenta de protesto contra a conjuntura política e social. Por essa razão, não é difícil encontrar nas metrópoles as pixações que se estendem pela fachada dos prédios, podendo expor tanto a sigla do grupo junto a *tag* do pixador, e até mesmo frases de reflexão ou aquelas que reverenciam o pixo como movimento político.

Para tanto, torna-se necessário verificar os motivos que explicam a concentração de pixações em localidades centrais, visto que as intencionalidades das mensagens deixadas nessas estruturas visam ampliar a visibilidade para um público maior e, conseqüentemente, o reconhecimento maior do pixador.

Situando a pixação e a centralidade que ela exerce no contexto de Alfenas, aborda-se, segundo a definição de Amorim Filho e Sena Filho (2007), a morfologia intraurbana das cidades médias, que possuem características a serem tratadas, com o objetivo de sustentar a maior presença das pixações na zona central e pericentral. A convergência dos fluxos presentes nas zonas em destaque decorre dos comércios e serviços dispostos nos arredores da praça da Igreja Matriz, que também exerce centralidade como ponto de referência na cidade.

Além disso, historicamente, concentrou-se nessa zona os espaços de decisão da antiga elite local, onde é possível notar a refuncionalização dos casarões, que passaram a exercer outros usos; atualmente, a zona é marcada pela presença de agências bancárias, mini shopping, bares e farmácias. Verifica-se ainda a participação das imobiliárias na expansão das moradias verticais, sobretudo na zona pericentral, que se destaca pela sua função residencial. Em Alfenas, essa zona se estende numa faixa onde a atração para a efetivação das pixações é recorrente, em vista de não haver vigilância excessiva como na zona central, e de ser uma área com maior movimentação de pessoas e veículos, o que possibilita a apropriação das superfícies e altera perceptivelmente a paisagem da zona em destaque.

A especialização desse centro, em função do comércio, que possui uma diversidade de mercadorias e serviços especializados para o consumo da população, expõe seu ordenamento orientado à reprodução do capital e à concentração dos espaços de decisão, bem como evidencia o esvaziamento das relações sociais, em que os sujeitos passam a consumir esse centro orientado pelo seu valor de troca (Carlos, 2001).

Em subversão a essa tendência, verifica-se uma concentração das pixações presentes nas estruturas do centro, as quais se propõem a denunciar os políticos locais e a falta de moradia e, ao mesmo tempo, a auto divulgação dos pixadores por meio da inscrição das tags¹. O interesse por esses espaços, onde há grande circulação de pessoas durante o dia, revela-se como uma oportunidade para os pixadores, no período noturno, efetivarem suas inscrições. Conforme aponta Spinelli (2007, p.116), o caráter transgressivo da pixação a obriga a ser realizada à noite, passando a ser interpretada pela sociedade como "[...] um invasorfurtivo, cujo malefício consiste em marcar a propriedade alheia e deve ser combatido pela Lei".

¹ As tags são assinaturas do codinome adotado pelo pixador (LASSALA, 2017). É disposta na superfície considerando o espaço disponível e o estilo das letras, podendo combinar elementos do graffiti e/ou da pixação.

Ao articular com a centralidade evidenciada por Sposito (2016), a autora evidencia que a circulação de pessoas numa dada localidade, bem como os fluxos de mercadorias e informações, constituem os principais fatores que contribuem para a existência da centralidade, a qual é socialmente representada e percebida pelos sujeitos em razão dos deslocamentos que participam dessa dinâmica.

Entretanto, o contraste é evidenciado pelas diferentes apropriações que os sujeitos realizam no espaço, segundo as normas que estabelecem os comportamentos adequados no exercício de suas funções, seja como classe trabalhadora, seja como pixador. Conforme aponta Lassala (2017), para a pixação ser efetivada, é necessária a subversão da superfície; ou seja, não pode haver o consentimento do proprietário, em vista de que essa expressão é um protesto guiado pela crítica à concentração da propriedade e dos interesses privados em detrimento do uso público dos espaços.

Nesse caso, pode-se ler a centralidade sob dois vieses: aquele em que as condições materiais e imateriais mostram-se adequadas à produção e à reprodução do capital, seja a partir do aumento da renda da terra e da comercialização de mercadorias, e da concentração das pixações, realizando uma crítica à configuração socioespacial que se apresenta, invertendo a lógica do consumo do espaço e ressaltando seu valor de uso.

Contudo, como mencionado anteriormente, o movimento da pixação numa cidade de porte médio expressa-se por uma dinâmica ainda em consolidação, que não atingiu o mesmo grau de exposição das grafias observada na paisagem das metrópoles. Por esse motivo, apesar de verificar a pixação e o graffiti nas estruturas urbanas de Alfenas, não se pode falar da criação de grupos em que os sujeitos se situam somente em uma cidade, nem mesmo de competição entre os pixadores, em vista de que a socialização motivada por uma ação em comum (efetivar a pixação) se dá numa escala reduzida que acompanha, sobretudo, o porte da cidade.

Nesse contexto, verifica-se os pixadores atuando em Alfenas, numa relação de pessoalidade, mantendo entre si a comunicação sobre a promoção de eventos de hip-hop e sobre os convites para os rolês². Em vista dessa singularidade, a grande maioria dos pixadores se conhece e reconhece a tag daqueles que atuam na cidade, fazendo com que a condução do movimento em si, seja fortalecido por todos e todas. Salvo os conflitos interpessoais que ocorrem, sobretudo, entre homens e mulheres do movimento, a pixação e o graffiti em Alfenas revelam novos meios de socialização promovidos pelo hip-hop no eixo externo ao Rio e a São Paulo.

² Contexto em que um ou mais pixadores saem para inscrever suas escritas na cidade.

A figura 4 a seguir evidencia a concentração de pixações na zona central, que tendem a ser apagadas com maior rapidez.

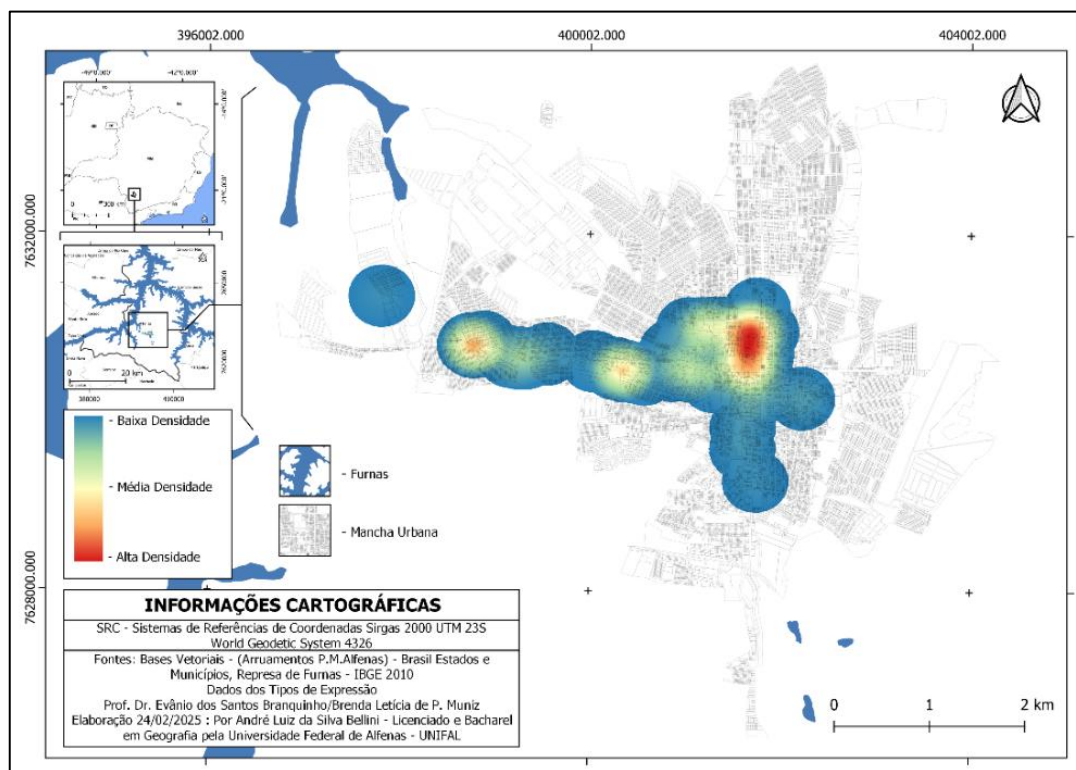


Figura 4 – Ocorrência de pixações em Alfenas/MG, 2024.

Fonte: Autores, 2024.

Ao comparar as escritas em metrópoles e em cidades de porte médio, verifica-se a particularidade das pixações em transição, que passam a verticalizar-se a partir do alcance das fachadas de prédios de até quatro pavimentos. Entretanto, o tratamento qualitativo em relação aos conteúdos e formas de ambas não evidencia uma ruptura no que tange à estética, sendo um fator comum de resistência do próprio movimento do pixo.

A figura 5 a seguir é um registro de uma das primeiras pixações verticais efetivada na cidade, na zona pericentral.

Esse novo arranjo socioespacial, que participa da produção do espaço, ao qual Côrrea (1989) ressalta a influência dos agentes imobiliários, viabiliza a relativa verticalização e evidencia novos elementos para pensar o cenário da pixação em Alfenas. De acordo com estudos anteriores, os sujeitos mobilizadores do pixo, em sua maioria, são estudantes da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), sobretudo dos cursos de ciências humanas.



Figura 5: Pixação em prédio.

Fonte: Autores, 2025.

Essa característica torna-se relevante para o estudo, pois é possível observar com maior frequência as grafias realizadas no entorno da UNIFAL-MG. Embora essa dinâmica não seja vista nas proximidades da Universidade Prof. Edson Antônio Vellano (UNIFENAS), ressaltando que um pouco é pelo fato que não muitas construções ao redor e os próprios muros dessa universidade não seriam pela sua forma o mais interessantes para pixar visto seu formato triangular e espaçado, a pixação apresenta-se como linguagem de apropriação do espaço que evidencia as diferentes formas pelas quais os sujeitos se relacionam com o espaço, produzindo novas paisagens em zonas diferentes da mesma cidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa possui natureza investigativa e qualitativa, a respeito da ocorrência de pixação nas zonas central e pericentral de Alfenas, considerando a classificação de autores da geografia para analisar a morfologia de cidades em condição de porte médio. Por meio da revisão bibliográfica, constatou-se a escassez de produções acadêmicas que buscam articular a presença de pixos na paisagem de cidades médias.

Nesse sentido, a articulação de referenciais teóricos que abordam a pixação por um viés crítico, bem como a adoção do método materialista histórico-dialético, permitiu constatar a predominância dessa grafia nas zonas destacadas, em razão da necessidade

dos sujeitos de subverter a ordem predominante nesses espaços, sobrepondo, assim, o valor de uso desses espaços.

Considera-se, nesse sentido, que a pixação possui suas raízes na luta de classes, sendo, na essência, um movimento político, buscando materializar-se no espaço a partir da necessidade de reivindicar os espaços onde, historicamente, foi comandado pela elite local. Os conflitos verificados nas esferas do poder público e privado também mobilizam ações que se materializam no apagamento dessas inscrições e na criminalização desses sujeitos, reforçando a coação à prática pela permanência do poder público militarizado como controle do Estado.

As especificidades da cidade de Alfenas, uma cidade média, polarizando um conjunto de pequenas cidades vizinhas e também considerada uma “cidade universitária”, manifestam-se de algum modo nas pixações, em sua concentração na área central e no entorno, como contestação do poder econômico e político neste espaço, portanto, da segregação socioespacial e das carências nas áreas periféricas da cidade.

Com relação aos movimentos da pixação originados em Alfenas, procurou-se oferecer um contexto das condições urbanas e regionais que favorecem a criação e a consolidação das crews e grifes, o que limita o estabelecimento de relações intermunicipais com praticantes de cidades próximas. Ressalta-se, nesse sentido, a importância da coletividade entre os sujeitos no fortalecimento e representatividade que constroem e vivenciam.

A centralidade das pixações, portanto, inscreve-se em uma disputa mais ampla por quem pode aparecer, falar e marcar presença na cidade. Os trajetos e escolhas dos pixadores evidenciam que os pontos de maior fluxo e de maior valor imobiliário não são neutros, tornam-se alvos preferenciais porque condensam o uso mercantil da cidade. Ao intervir nesses suportes, os pixadores produzem outra linguagem do espaço, desestabilizando a ideia de que o centro deve ser exclusivamente ordenado em função do capital e da ordem.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, O. B.; SENA FILHO, N. A morfologia das cidades médias. Goiânia, 2.Ed., **Vieira**, 2007, 202p.

BRANQUINHO, E. S.; PEREIRA MACHADO, N.; TAVARES MINI, A; A relação centro-periferia e a formação de novas centralidades em Alfenas-MG. **Boletim Alfense de Geografia**, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 134–158, 2023. DOI: <https://doi.org/10.29327/243949.3.6-9>

CARLOS, A. F. A. Novas contradições do espaço. In: DAMIANI, A. L., CARLOS, A. F. A., SEABRA, O. C. L. **O espaço no fim de século**: a nova raridade. São Paulo, Contexto. 2001.

CORRÊA, R. L. Construindo o conceito de cidade média. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 23-33.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 4. Ed. São Paulo: Ática, 1989.

DE ANDRADE, A. C. As cidades médias e suas inserções nos espaços regionais: O contexto do sul de Minas. **Revista Territorium Terram**, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 64–79, 2015.

LASSALA, G. **Pichação não é pixação**: Uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas. Edição bilíngue: português/inglês. Altamira, São Paulo, 2017.

MARIGHELLA, C. **Mini manual do guerrilheiro urbano**. São Paulo, 1969.

NASCIMENTO, L. H. P. **Pixação**: a arte em cima do muro. Cachoeira do Sul: Monstro dos Mares, 2015.

PIMENTEL, S. **O livro vermelho do hip-hop**. São Paulo, 1997.

PIRES, A. O. S. O pixo como ação política. In: **História oral e o direito à cidade**: paisagens urbanas, narrativas e memória social. MAIA, A. C. N. (org.) São Paulo, SP: Letra e Voz, 2019.

ROCHA, J., DOMENICH, M. CASSEANO, P. **Hip Hop**: a periferia grita. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2001.

SOARES, T. N. **Campanhas políticas e repressão policial**: as pichações na cidade de Recife (1979-1985). 2012, 212f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife, PE, 2012.

SUBVERSIVOS invadem casa no Morumbi e, por pouco, fuzilam sete. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 4 abr. 1972. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_05&pesq=%22sigla%20ALN%22&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=17300. Acesso em: 20 dez. 2025.

SPOSITO, M. E. B. Segregação socioespacial e centralidade urbana In: VASCONCELOS, P. A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. (orgs.) **A cidade contemporânea**: segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2016. p. 61-93.